

Triste destino de escolas da Baixada

Muitas servem até de esconderijo para os marginais

Luciana Nunes Leal

Hoje servindo de esconderijo para marginais, o casarão com 17 cômodos, jardim e campo de futebol na última quadra da Rua 5, no Jardim Primavera, Duque de Caxias, abrigava há dois anos a Escola Estadual Hélio Rangel, com 1.200 alunos de primeiro e segundo graus. Ela foi inaugurada em 1968 e abandonada por estudantes e professores depois da enchente de fevereiro de 1988. Sobraram restos de quadros-negros, carteiras velhas e telhas quebradas. Este é o pior exemplo dentre as muitas escolas da Baixada Fluminense fechadas por não terem condições de funcionamento e que começam a ser arrombadas e depredadas.

Em novembro de 88, a Empresa de Obras Públicas do Estado (Emop) fez uma reforma na Hélio Rangel, mas não resolveu o problema mais grave: a invasão do terreno e do prédio, quando chove, pela água que transborda de dois valões de esgoto atrás de escola. Por isso, os pais se recusaram a mandar as crianças de volta às aulas, que os professores também não queriam dar, temendo nova inundação na primeira chuva forte, o que de fato aconteceu em outubro do ano passado. Hoje, a maior parte dos alunos estuda em salas do Ciep Alceu Amoroso Lima, também no Jardim Primavera, mas o Núcleo de Educação Comunitária de Caxias ainda considera a Hélio Rangel uma das 69 escolas estaduais em funcionamento no município.

Desperdício — Em ofício enviado à Emop em janeiro de 89, a diretoria da Hélio Rangel informou que as obras não eram suficientes para resolver os problemas da escola e alertou que as telhas e instalações elétricas poderiam ser facilmente roubadas. Insistir naquele tipo de reforma era “jogar dinheiro fora”, dizia o ofício. Apesar de um laudo da Emop, em 6 de março de 89, propondo a demolição do prédio, a Secretaria Estadual de Educação determinou a volta às aulas em agosto, mas pais e professores não aceitaram.

O presidente da Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa, deputado Alexandre Cardoso (PFL), propôs Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar porque a Hélio Rangel ficou em estado tão deplorável mesmo depois das reformas. “Nunca vi uma escola em situação tão terrível. Isso não pode acontecer em hipótese alguma. É preciso recuperar as escolas, mas também cuidar dos valões”, diz o deputado.

Ratos e cobras — A situação da Escola Estadual Rui Barbosa, no bairro de Jacatirão, só não é igual à da Hélio Rangel porque a funcionária Cruz Medina, 55 anos, mora numa casa ao lado e toma conta do prédio. Com tranca no portão e dois cachorros bravos, ela consegue evitar que ladrões roubem o que resta na escola, onde 500 crianças estudavam até 1988, quando foi desativada. Numa das salas ainda estão empilhadas pastas de papelão com deveres e fichas dos alunos. As paredes têm marcas de inundação até 1 metro de altura. “Não vá muito no fundo do terreno ou encontrará ratos e cobras”, avisa dona Francisca a quem quer conhecer a casa abandonada. “É uma pena que tenha sido largada dessa maneira, pois servia a muita gente carente”, lamenta.

Diretoras e professoras de outras escolas temem que seus locais de trabalho acabem do mesmo jeito. “Ainda temos condições de dar aulas e receber os alunos, mas este ano já suspendemos as aulas duas vezes, durante uma semana, para limpar a lama e a sujeira depois das chuvas”, conta Waldete Costa Antônio, 38 anos, diretora da Escola Estadual Norma Toop Uruguai, no centro de Caxias, onde estudam 1.050 alunos de primeiro grau. Em frente à escola há um grande valão cheio de lixo e, quando chove, o prédio é inundado em menos de uma hora.

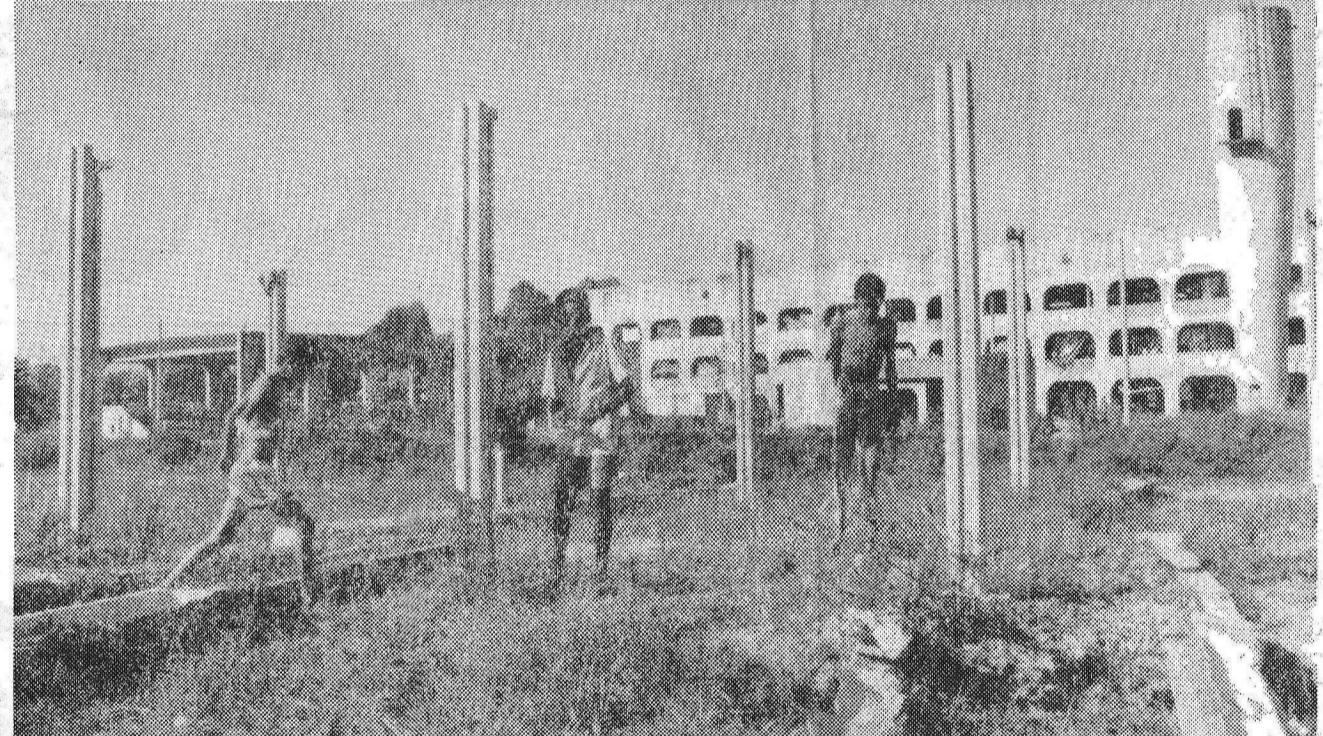
Toda vez que vê o casarão abandonado da Escola Hélio Rangel, sua ex-diretora Neudman Lima Luna, 48 anos, se emociona. “Cuidei da escola durante vários anos, promovendo festas, arrecadando dinheiro para fazer melhorias, e não acredito que ela ficou assim,” diz.

Duque de Caxias, RJ — Fotos de Sérgio Moraes

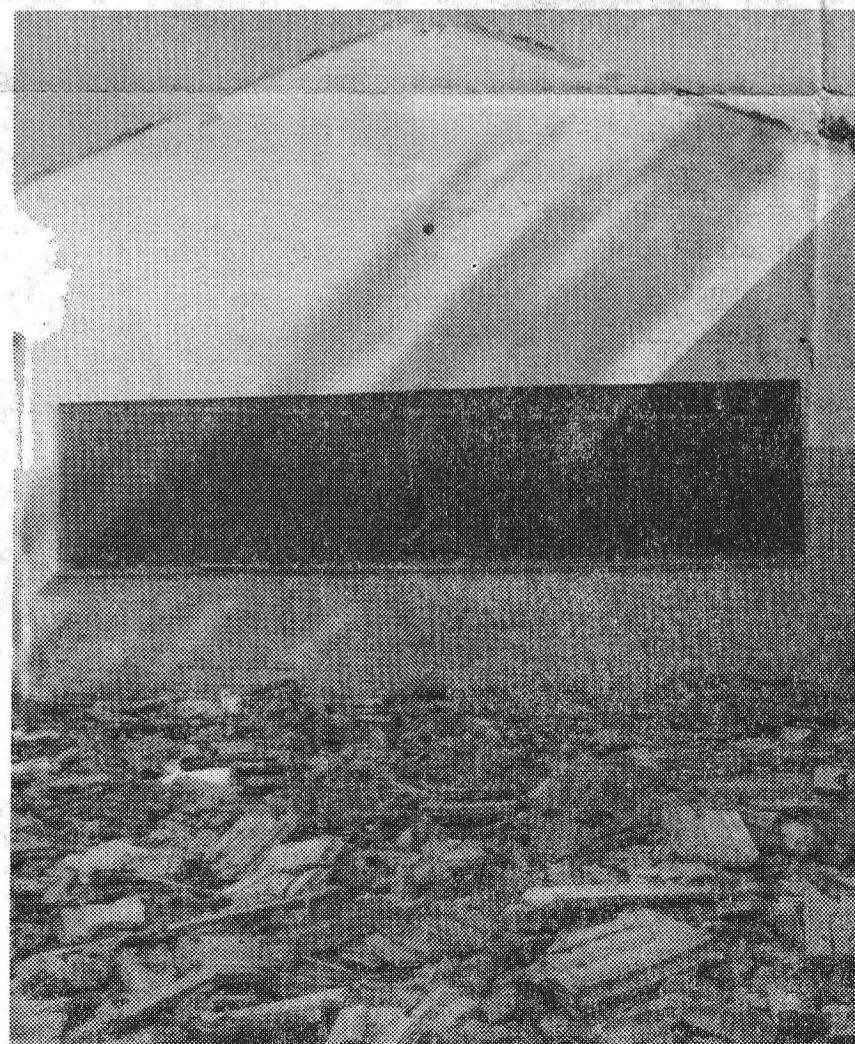


Abandonada desde a enchente de fevereiro de 88, só de dia não há perigo na escola

Adriana Loreto



Até cachorros têm de ser usados à noite, para impedir que os ladrões completem a depredação



Sobraram apenas restos de quadro-negro e telhas quebradas

Educação anuncia reforma imediata

A secretária estadual de Educação, Fátima Cunha, diz que o governo vai colocar em prática “o mais rapidamente possível” um plano de emergência já elaborado para a recuperação das escolas da Baixada. Esclareceu que qualquer obra em escola tinha que ser feita pela Emop, o que era muito demorado, mas que um decreto do governador publicado ontem no *Diário Oficial* autoriza a secretaria a fazer obras urgentes por conta própria, contratando empresas através de carta-convite.

“Vamos percorrer as escolas da Baixada que mais precisam de recuperação e traçar um plano de obras emergenciais”, disse Fátima Cunha. Argumentou que até agora ocupara-se em resolver o “maior de todos os problemas de educação na Baixada, a falta de professores”, informando que para a região serão designados 2 mil dos 4.700 novos professores contratados pelo estado através de concurso público. “Resolvido esse problema mais importante, vamos partir para a recuperação de escolas”, prometeu.

Disse que o trabalho será feito em conjunto com a Secretaria de Desenvolvimento Urbano, que se encarregará da drenagem de valões. “Já mandamos arrumar algumas escolas e depois a água invadiu tudo de novo”, lamentou a secretária, referindo-se, entre outros casos, ao da Escola Hélio Rangel. Sobre a Casa da Criança do Lote 15 e o Ciep invadido, disse que “são problemas que envolvem questões sociais e as soluções são mais delicadas”. Anunciou que pretende também arranjar vigias para as escolas: “Onde tiver professor e vigia, não haverá invasão”, afirmou.